

DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA

Maria Célia teixeira A. Santos,

1. INTRODUÇÃO

Foi com grande satisfação que tomei conhecimento do tema a mim confiado, neste FORUM NORDESTINO DE MUSEUS - IV ENCONTRO, causando-me até uma certa surpresa, devido às poucas oportunidades que temos tido de discutir, da forma mais abrangente e integrante, o trabalho técnico que vem sendo desenvolvido nos museus. Para o profissional que vem se dedicando às ações educativas dos museus, como é meu caso, é pouco comum ser chamado para discutir e analisar as correlações existentes entre as suas ações e as demais desenvolvidas nos diversos setores técnicos do museu.

Esta é a primeira vez que recebo um convite desse teor e o considerei um avanço, pois a meu ver, as ações do museu devem ser desenvolvidas de forma integrada, visando a atingir os objetivos mais amplos da instituição, de acordo com as suas características e a realidade à qual está destinado.

Falar da relação entre documentação, educação e cidadania, é abordar uma rede de questões, uma malha bastante complexa, da qual, nesse momento, tentaremos puxar alguns fios necessários à compreensão do funcionamento do museu como um todo e, sobretudo, aos objetivos dessa instituição.

Partiremo pois da premissa de que não podemos dissociar os meios de fim e, portanto, faz-se necessária a abordagem de alguns tópicos que, à primeira vista, poderiam parecer pouco próximos ao tema proposto, devido ao hábito que temos de atuar em compartimentos estranhos, como meros técnicos, mas, no nosso entender é impossível abordá-los, sem uma análise, do que esperamos que sejam a museologia e a instituição museu, a relação entre a educação, a museologia e a cidadania, a documentação, o desempenho do técnico e o seu compromisso social.

Convido-os assim a pensar um pouco comigo sobre alguns desses aspectos acima referidos, para em seguida tentar amarrar um pouco os fios dessa complexa rede, embora tenhamos consciência de que os nós deverão ser atados e desatados para que, durante o processo, novas realidades sejam construídas.

2. DA MUSEOLOGIA AO MUSEU. O QUE ALMEJAM NO MOMENTO?

Desenvolver ações no museu tradicional, no museu dinâmico, no museu moderno, buscar um novo modelo de museu-necessário ou não? Qual a relação entre a museologia e o museu? Estas são algumas questões que têm vindo à tona nos congressos, nos cursos de museologia do país, e nos encontros internacionais, o que tem demonstrado uma inquietação, uma busca de um novo fazer, uma crise existencial benéfica, porque tem nos apontado novos caminhos que estão nos aproximando mais do homem, deslocando o eixo de nossas preocupações somente com o desempenho das atividades técnicas.

Portanto, estamos caminhando para não mais nos questionar se estamos documentando adequadamente, expondo com os métodos mais recomendáveis, conservando dentro da técnica ou educando de acordo com as técnicas pedagógicas mais atualizadas; a questão básica, a ordem do dia, está se tornando: que consequências Históricas a teoria e o método estão produzindo? O isolamento? O ganho social? A transformação?

Esses questionamentos não vieram à tona de forma isolada, de dentro para fora do museu; ao contrário, a sociedade como um todo até clamando por um novo fazer e talvez a prova mais contundente dessa afirmação esteja nos livros de registro de frequência de visitas dos nossos museus, onde constata-se, cada vez mais, o seu esvaziamento.

Por outro lado, enquanto em outros períodos deu-se ênfase maior do conhecimento e ao aprimoramento dos aspectos que envolviam a vida do homem, na década de 70 é dada uma maior

atenção à sua ação social. Bordenave¹ registra que "as décadas anteriores, particularmente as de 50 e 60, preocuparam-se com o conhecimento e, às vezes, com o melhoramento de tudo que rodeia o homem. Desenvolveu-se bastante o planejamento econômico, o urbanismo, o combate à poluição ambiental, a racionalização do trânsito, os sistemas de comercialização em grande escala. Mas foi na década de 70 que se começou a conceder uma importância concreta ao fato de o homem ser, ao mesmo tempo, o produto e o criador da sua sociedade e de sua cultura."

Apesar dessa tomada de consciência, presenciou-se, entretanto, a aplicação de modelos tecnicistas e pragmáticos, herdados das ciências físicas e naturais e inadequados ao trabalho com as ciências sociais, trazendo como consequência formas manipulatórias e, às vezes, desumanas, para trabalhar com pessoas.

A crítica ao positivismo e ao funcionalismo, como também os avanços alcançados nas ciências físicas e naturais, tem contribuído para a construção de uma nova ciência, conforme destaca Serpa² "uma ciência de processos não lineares e que considere a unidade observador-observável, terá uma relação homem-natureza não contemplativa e não manipulativa. Será uma relação de integridade, onde homem e natureza não se opõem e sim estendem reciprocamente. A tese e a antítese serão superadas, tais como casualidade-chance, relação-essência, observador-observável e qualidade-quantidade." Enfatiza o referido autor que a base para essa nova ciência é a historicidade, entendida como a determinação do espaço-tempo pela distribuição dos corpos materiais, pelo seu estado de movimento e pela totalidade das relações não lineares de desenvolvimento desiguais, onde cada uma das relações contém a contradição.

Necessário se fez destacar que duas contribuições no campo científico-filosófico foram fundamentais para a busca desse novo fazer científico e para o reconhecimento da existência de um "multiverso cultural": A contribuição da antropologia e a contribuição do marxismo. Passanha³ registra que a antropologia colaborou ao "insistir na diversidade das culturas, na multiplicidade de 'razões'

culturais, que precisam ser compreendidas e preservadas justamente enquanto diferentes. Graças à antropologia, sabemos hoje que são muitas as maneiras humanas de ser, de estar no mundo, de viver, devalonar, de se expressar por meio de diversas linguagens - o que mostra um humano multifacetado, distante de padrões unitários e universais que antes propunha como paradigma um caso particular de humanidade: o do branco europeu, 'civilizado'. A contribuição do marxismo, a mostrar a sociedade dividida em interesses econômicos e políticos não apenas diversos mas conflitantes - o que impede a efetivação de consensos universais sobretudo em torno de valores e estabelece rupturas entre modos de pensar e agir. O dissenso torna-se então o fundamento da sociedade, o antagonismo interior sua realidade mais profunda."

Essa busca do fazer científico comprometido, com o desenvolvimento social, com a transformação, tem contribuído de modo decisivo no fazer museológico, na construção de pressupostos teóricos para a museologia e para a redifinição de seu conceito, bem como do conceito de patrimônio cultural.

Analiseemos portanto a definição de museologia apresentada por Tomislav Sola e corroborada por Peter Van Mensch⁴, presidente da ICOFOM (ICOM International Comitee for Museology): "a museologia abrange todo um complexo de teoria e práxis que envolve a conservação e o uso da herança cultural e natural. "O autor, ao comentar esse conceito de museologia, dá ênfase à preservação da herança cultural, entendida como no seu sentido mais abrangente, destacando que mesmo quando se relaciona a museologia somente com antefatos e espécimes naturais, há uma disciplina científica interpretando a relação entre o homem e o seu meio ambiente, e, nesse sentido, a museologia tem uma visão holística do homem, visão esta que leva em consideração as várias abordagens de campos científicos específicos (antropologia, história social e natural, história da arte etc.).

Percebe-se que, a partir da década de 70, principalmentee com os estudos da Z. Z. Stransky e Ana Gregorová, na Tchecoslováquia,

começa-se a visualizar o objecto de estudo da museologia como o estudo das relações específicas do homem com a realidade, passando pela compreensão das diferentes maneiras do homem se relacionar com o mundo, vivendo em um universo não apenas físico, mas fundamentalmente simbólico. A realidade será então entendida como um produto da dialéctica, de jogo existente entre a materialidade do mundo e o sistema de significação utilizado para organizá-lo. Embasando-se nesses estudos, Rússio⁵ define o fato museológica ou fato museal como "a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objecto que é parte da realidade à qual o homem pertence e sobre a qual ele age."

A mesa redonda realizada em Santiago, sob o patrocínio da UNESCO e do governo do Chile, em 1972, cujo tema foi 'A Importância e o Desenvolvimento dos Museus no Mundo Contemporâneo', deu ênfase ao papel dos museus na construção do processo histórico, considerando essa instituição parte inalienável da sociedade e que contém em sua essência os elementos que lhe permitam contribuir para as reflexões da relação passado-presente, comprometendo-se com as transformações estruturais necessárias às realidades onde estão inseridas.

Durante esse evento houve um grande avanço no sentido de deixar bem clara a necessidade de participação dos museus em relação ao desenvolvimento urbano, ao desenvolvimento científico e tecnológico, à educação permanente e em relação ao meio rural, comprometendo-se sobretudo com a melhoria da qualidade de vida e com a participação do cidadão.

Esse novo fazer museológico vem sendo apoiado na concepção antropológica do patrimônio, não mais admitindo os limites estéticos que antes lhe eram impostos, procurando-se também entender a cultura em uma concepção ergótica e processual como tão bem enfatiza Bosí⁶: "A cultura como ação e trabalho. Se a cultura é uma soma de objetos que as pessoas têm ou herdaram, as pessoas ricas a têm e as pessoas pobres não a têm. A cultura dos pobres seria um nada, eles precisariam obter aqueles bens para serem cultos. O que é

oposto à idéia de trabalho, porque nesta todos têm acesso à cultura: não se trata mais de um problema de classe, o ser humano será culto se ele trabalhar, e é a partir do trabalho que se formará a cultura. É o processo e não a aquisição do objeto final que interessa."

Essas reflexões têm nos levado a acreditar que a museologia não está relacionada somente com as ações que estão sendo desenvolvidas nos espaços fechados dos museus tradicionais, mesmo porque, mais do que preservar de forma distante e saudosista, devemos é nos apropriar do nosso patrimônio, contribuir para que a identidade seja vivida, na pluralidade na ruptura, encarar de frente o fato de que o coletar, o conservar, o restaurar, o documentar o expor, na maioria das vezes, estão se tornando a nossa finalidade última.

O desafio está posto. Como pode através da documentação e da educação para a cidadania contribuir para a construção desses novos caminhos?

3. A EDUCAÇÃO COM A DOCUMENTAÇÃO - CONSTRUINDO A CIDADANIA

Na introdução desse trabalho chamamos a atenção para o fato de que não podemos dissociar os meios do fim e portanto fez-se necessária toda essa abordagem do item anterior, para que tivéssemos alguns pressupostos básicos, indispensáveis ao embasamento dos tópicos que iremos enfocar neste momento.

A relação entre Museu e educação é intrínseca, uma vez que a instituição museu não tem como fim último apenas o armazenamento e a conservação, mas sobretudo, o entendimento e o uso do acervo preservado, pela sociedade, para que através da memória preservada seja entendida e modificada a realidade do presente. Nesse sentido, a própria concepção do museu é educativa, pois o seu objetivo maior será contribuir para o exercício da cidadania, colaborando para que o cidadão possa se apropriar e preservar o seu patrimônio, pois ele deverá ser a base para toda a transformação que virá no processo de

construção e reconstrução da sociedade, sem a qual esse novo fazer será construído de formas alienante.

Torna-se, portanto, para nós, um equívoco considerar, somente, como atividade educativa dos museus, os programas desenvolvidos com professores e estudantes. Eles são, talvez, uma das formas mais eficazes de, através da educação formal, contribuir para que o cidadão, desde a sua formação analisa aspectos importantes do nosso patrimônio cultural, relacionando-se com a vida no presente, e entendendo-o como produto do homem, como sujeito da História e, portanto, como resultado das relações sociais e políticas. Esses objetivos serão alcançados com mais facilidade, na medida que as ações do museu como um todo estejam engajadas, comprometidas com o homem.

É necessário entretanto esclarecer que a autonomia e a cidadania não serão alcançadas somente com a atuação do museu e da escola. É absolutamente indispensável a ação articulada com as demais práticas sociais globais, priorizando a participação conjunta. Torna-se portanto necessário, neste momento, o seguinte questionamento: COMO A DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA PODE CONTRIBUIR PARA A EDUCAÇÃO E PARA A CIDADANIA? Não temos uma resposta pronta, acabada mas levantaremos alguns aspectos que consideramos relevantes, talvez indicadores de alguns caminhos. O importante é que nos conduzem à reflexão e, quem sabe, à busca de um novo fazer.

Através da concepção de museu comprometida com a busca da cidadania e da transformação, as ações técnicas não poderão esgotar-se em si mesmas. Nesse sentido, não teremos mais o fazer dissociado do fim; portanto, a ação do técnico, a sua formação e o seu compromisso serão pontos importantes a ser considerados.

Geralmente, quando se aborda as questões relacionadas com a formação e a atuação do museólogo, tem-se destacado a sua capacidade técnica, a necessidade de se conhecer e colocar à sua disposição os instrumentos mais adequados para o seu exercício profissional. Não queremos negar a importância desses aspectos, mas

ressaltamos a nossa preocupação com a pouca atenção que tem sido dada à sua responsabilidade social. Como consequência, o tecnicismo tem imperado, pouca importância tem sido dada à relevância social das pesquisas que têm sido realizadas.

Na documentação, que é o aspecto que estamos abordando no momento constata-se o desenrolar de uma cadeia de ações até certo ponto burocratizadas, que vão desde as clássicas perguntas ao objeto: Quem é você? Como você se chama? Quem o fez? De que é você feito? Quando você foi feito? Por quê? Quanto você mede? Quanto você pesa? etc., ao armazenamento de dados que serão, na maioria das vezes confinados e inadequados a uma visão mais ampla e contextualizada da produção cultural em determinado período, assim o processo documental um mero banco de dados a poucos será dado o acesso e insuficiente para a compreensão da realidade, no passado e no presente. Através dessa ação meramente técnica e descomprometida o museólogo considera a sua missão cumprida. O meu acervo está documentado, devidamente classificado, marcado, seguro, fotografado. São os "messias", tão bem enfocados por Chagas⁷, "prontos para 'salvar os objetos, crentes de que suas ações estão esterilizadas do ponto de vista político e científico", quando sabemos que a questão donão envolvimento ideológico do técnico, sem a implicação do sujeito, a chamada objetividade nas ciências não passa de uma abstração. Para que a ação documental não seja esgotada em si mesma é necessário que o técnico esteja comprometido com a cidadania e com a transformação da sociedade. Abordando a questão do compromisso profissional com a sociedade, Paulo Freire⁸ destaca que, "quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizada minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é o patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens. Se o compromisso só é válido quando está carregado de humanismo, este, por sua vez, só é consequente quando está fundado cientificamente. Envolve, portanto, no compromisso do profissional, seja ele quem for, está a exigência de seu constante aperfeiçoamento,

de superação do especialismo, que não é o mesmo que especialidade. O profissional deve ir ampliando seus conhecimentos em torno do homem, de sua forma de estar, no mundo, substituindo por uma visão crítica a visão ingênua da realidade formada pelos especialismos estreitos."

Assim, da coleta à sistematização de todo o processo de documentação, à pesquisa, à busca de informação, cuja fonte principal é a cultura do povo, o fundamental será o nosso prestar conta a esse homem e à sua época. Gadotti⁹ chama a atenção para o fato de que "esse 'prestar contas não significa rebaixar a linguagem científica ao senso comum. Trata-se de elevar o senso comum". É necessário portanto intensificar a convivência com as comunidades e não só reforçar os contatos com os profissionais da nossa categoria, tentar a unificação de termos para a documentação, discutir o sistema numérico mais adequado etc., mas, sobretudo, pensar qual a documentação mais apropriada ao novo modelo de museu e à transformação do museu tradicional, que deverá ser repensada e construída com a vida, pois o patrimônio cultural é mutável, assim como o homem e o mundo, o que significa que a coleta será sempre diversa, sempre nova, conforme um novo homem, que tem direito às informações. O fato de organizar, estruturar e sistematizar o conhecimento, não dá ao técnico o direito de tomá-lo somente para si e para seus pares, é necessário democratizá-lo, transmiti-lo de forma simples e acessível. Piaget¹⁰ nos lembra que "todo conhecimento pode ser transmitido em linguagem simples. Se alguém não consegue fazê-lo, 'apenas porque não o aprendeu suficientemente."

Em geral, a mensagem transmitida através da pesquisa sobre o objeto é denotativa, ou seja, diretamente relacionada ao objeto referido ou às suas qualidades. Ex.: vaso cerâmico, altura, largura etc. O signo e notativo introduz a liberdade na comunicação humana. Enquanto o signo denotativo orienta o homem na realidade, o conotativo o faz transcender à realidade presente e construir uma nova segundo Bordenave¹¹, "os signos denotativos são indispensáveis para a sobrevivência no mundo preso aos determinismo do real. No

extremo oposto, o significado conotativo permite tomar dados concretos da realidade atual ou histórica e extrapolá-los de tal maneira que toda uma nova realidade de significados é construída". Portanto, é fundamental compreender que os signos denotativos, no nosso caso, a coleção existente no museu, devem permitir a construção do significado conotativo, para que, através da liberdade de ação, o homem possa criar e construir uma nova realidade. Assim, não devemos apresentar um conhecimento sistemático de realidade constituída, pesquisas textos com conteúdos dogmáticos e incontestáveis. Os atos de preservar e de documentar são instrumentos para o exercício da cidadania e portanto devem conduzir à apropriação do bem cultural pelo cidadão. O envolvimento da comunidade no fazer museológico é essencial não só para evitar a falsa interpretação dos significados dos objetos, mas, sobretudo, como registra Jeudy¹²: "Os sujeitos sociais são então convidados a uma interpretação ativa, a um trabalho da simbolização que deveriam incitá-la a resistir aos determinismos de uma história que exclui suas habilidades e maneiras de pensar".

A documentação museológica torna-as uma grande aliada da educação formal, quando coloca à disposição de professoras e alunos, bem como dos técnicos encarregados das ações educativas dos museus, os dados pesquisados. Infelizmente, esses dados têm sido bastante restritos, dificultando o trabalho educativo entre o museu e a escola. O educador do museu às vezes dispende um tempo enorme tentando ampliar as informações, devido à ausência de uma ação integrada e da falta de visão educativa do museólogo documentador.

Um dos grandes desafios do processo documental, e sobre o qual há muito a ser construído, está relacionado à prática do registro da cultura imaterial. Nesse sentido, Stránsky¹³ registra que, "impor a seleção ativa à coleta museológica significa também a exigência de uma nova avaliação de nossa concepção atual do objeto museológico. A coleta museológica não pode se contender, daqui para a frente, com esses aspectos da realidade natural e social que se refletem espontaneamente no objeto. Ela deve procurar meios e formas de

apreender esses aspectos da realidade que não são fixados materialmente, mas que são, porém, frequentemente, de uma importância fundamental para a compreensão da essência e do valor do fenômeno estudado. Com a ajuda principalmente, da técnica moderna de gravação, pode-se compreender esse fato, e que supõe uma abordagem completamente diferente da coleta museológica."

É necessário, entretanto, chamar a atenção para o fato de que no Brasil, são poucas as experiências no campo museológico voltadas para o registro do fazer cultural da forma mais abrangente, envolvendo os diversos segmentos da sociedade, preocupando-se em assinalar as mudanças e as contradições.

Ainda não conseguimos soltar as amarras que nos mantêm atados ao colecionismo, a uma aceitação passiva e submissa de formas e coisas de um passado que não é relacionado com a vida no presente. A transformação desejada, a nosso ver, passa por um questionamento do modelo de sociedade que possuímos, entendendo que a análise das relações entre determinantes sociais e a atuação dos museus não deve nos conduzir ao imobilismo, mas deve nos incentivar a superar as deficiências. Nesse sentido, é importante considerar que, na ânsia de buscar uma prática mais participativa, comprometida com o desenvolvimento social e com a transformação, é preciso evitar o perigo de usar a comunidade como cobaia, para simples coleta de informação e para a pesquisa que se esgota em si mesma.

A consciência de que devemos buscar esse novo fazer museológico deve nos motivar a sair do imobilismo, construir a nossa prática registrá-la de forma sistemática, para que possamos democratizar as informações e fornecer dados coletados em nossa realidade, pois a bibliografia existente é escassa e contempla o modelo de museu tradicional. É importante ressaltar que devemos fazer o possível para evitar a tentação da importação de métodos, sem a devida "redução sociológica", pois não existem técnicas neutras que possam ser transplantadas de um contexto para o outro. Acreditamos que os caminhos serão apontados, na medida que nos distanciarmos mais dos nossos gabinetes e nos aproximarmos mais da vida que está

acontecendo fora do museu. Esta tem sido um fato por nós constatado nos programas de ação cultural que temos desenvolvido, onde o crescimento tem se dado através do diálogo e da integração com os diversos grupos com que temos atuado.

4. PROVOCAÇÃO FINAL

Após toda essa análise é necessário agora tentar amarrar os fios da nossa rede, embora tenhamos a consciência de que, em bem pouco tempo, quem sabe, no próximo Forim de Museus do Nordeste, seja necessário desatá-los para que novos fios possam ser acrescentados pois só assim ela se tornará cada vez mais útil. Os tópicos apresentados a seguir, portanto, não serão conclusivos, são provocações ao debate, em busca de um crescimento compartilhado:

- Estamos sentindo no momento presente a necessidade de um novo fazer museológico, que não deve priorizar o objeto, mas o homem em um novo modelo de sociedade, onde efetivamente seja possível a prática da cidadania;

- para a construção de uma prática museológica educativa é necessário estarmos conscientes de que partiremos da heterogenidade (o domínio do conhecimento sistematizado) para a homogenidade (o domínio desse mesmo conhecimento pelos grupos com os quais estaremos atuando);

- à medida que nos aproximarmos mais da sociedade, dos seus anseios e das suas contradições, mais teremos condições de resolver os nossos problemas, sobretudo aqueles relacionados com o nosso isolamento, pois, enquanto a vida palpita fora dos museus, nos mantemos dentro de uma redoma;

- a abrangência do patrimônio cultural, a cultura entendida como o resultado do trabalho do homem, conduz-nos cada vez mais

para o trabalho interdisciplinar, multidisciplinar e de participação dos diversos grupos da comunidade. O ato de documentar estará intimamente relacionado ao ato de apropriar-se do patrimônio, na dinâmica do processo social, e ao exercício da cidadania;

- a crítica ao museu, enquanto subsistema é necessária, mas deve nos conduzir a uma análise d sistema social global, não só para compreender, mas, sobretudo para transformar. Nesse sentido, a técnica não deve ser aplicada de forma mecânica, em compartimentos estanques, tornando a instituição uma mera executora de tarefas;

- a relação entre museu e educação é intrínseca, pois, o ato de preservar deve ter o objetivo de contribuir para a formação do cidadão, para que ela possa criar e transformar a realidade, tendo como base a cultura produzida, que será o estímulo para um novo fazer cultural. Portanto, é inútil continuar discutindo se a importância maior deve ser dada à documentação, à exposição, à conservação etc.. Nenhuma ação técnica deve ser priorizada no museu.

**A PRESERVAÇÃO DEVE SER FUNCIONAL-EDUCATIVA;
SE DOCUMENTO, DEVE SER COM UM FIM EDUCATIVO;
SE EXPONHO, É COM UM FIM EDUCATIVO.
SE REALIZO A AÇÃO CULTURAL E EDUCATIVA COM
EFICIENCIA, É PORQUE AS DEMAIS ATIVIDADES TÉCNICAS
DO MUSEU TAMBÉM FORAM EDUCA TIVAS;**

- Uma teoria, um método, uma proposta, devem ser avaliados não em si mesmos, mas nas consequências que produziram historicamente. Até onde o mecanicismo tem nos levado? Acho que ao isolamento e a um pouquíssimo ganho social.

- O novo museu é um desafio para todos nós que acreditamos na necessidade cada vez maior do exercício da cidadania neste País. É

necessário, portanto, aprofundarmos essas questões inteiramente, como estamos fazendo no momento.

Talvez, o grande avanço deste Forum, cujo tema escolhido foi a documentação, não seja a discussão da unificação de termos, dos modelos de livros de registro e de fichas mais adequadas, mas o aprofundamento do seguinte questionamento:

"PARA QUEM E PARA QUE TEM SERVIDO O PROCESSO DE DOCUMENTAÇÃO DOS NOSSOS MUSEUS?"

Espero que as abordagens apresentadas neste trabalho possam contribuir para o enriquecimento destas reflexões.